

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Vitor Adriano Lemos Conceição

DESCOBRINDO O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

**Resende
2019**

Vitor Adriano Lemos Conceição

DESCOBRINDO O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

Monografia apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Prof. Everton Araujo dos Santos

Resende
2019

Vitor Adriano Lemos Conceição

DESCOBRINDO O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

Monografia apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Everton Araujo dos Santos, Tenente-coronel
(Presidente/Orientador)

Wellington Ferreira Gomes, Tenente-coronel

Cleiton Cesar de Oliveira Souza, 1º Tenente

Resende
2019

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu pai e minha mãe, que me auxiliaram por todo esse difícil caminho que é a formação do Oficial do Exército. Também dedico à minha namora que me auxiliou com muitas informações constantes nessa monografia. Aos meus companheiros de turma, que sempre me fizeram acreditar no potencial que poderia ter e ao meu orientador, que soube me escutar e auxiliar durante a elaboração dessa atividade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por me incentivarem ao estudo, desde pequeno, algo que me possibilitou o ingresso às Forças Armadas.

Agradeço à minha namorada, que tem me apoiado em situações difíceis sem sair do meu lado.

Agradeço aos oficiais que participaram da minha formação e que abriram meu olhar para que eu enxergasse as oportunidades da carreira de um oficial de Material Bélico.

Agradeço ao TC Everton, que me orientou durante essa monografia.

RESUMO

DESCOBRINDO O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

AUTOR: Vitor Adriano Lemos Conceição

ORIENTADOR: Prof. Everton Araujo dos Santos

O descobrimento do Brasil é um tema que sempre trouxe muita contradição dentro do ensino brasileiro. Ao compararmos com o descobrimento dos Estados Unidos, país considerado modelo no cenário mundial, verificamos que muitos pontos são extremamente próximos, sendo que as principais diferenças passam a surgir após o princípio da colonização.

O primeiro ponto estudado foi o papel da religião na expansão para o Novo Mundo, questão que teve extrema importância para ambos. Muitos livros abordam esse tema, mas não abordam com a real relevância do tema.

Na sequência, o pensamento colonizador é algo que deve ser abordado e compreendido. Os lusitanos possuem muitas peculiaridades, enquanto os ingleses, nesse quesito, não têm algo muito específico, sendo sua parte, no assunto, diluída no TCC como um todo.

Na iminência da expansão marítima, as metrópoles se encontravam em um estado de alto desenvolvimento. Esse fator foi estudado para que a comparação entre as metrópoles seja esclarecida antes mesmo do descobrimento.

Assim que os europeus desembarcaram nas margens das Américas, portugueses e ingleses tiveram impressões iniciais muito diferentes. O estudo realizado trouxe muitos esclarecimentos sobre as primeiras impressões dos contatos europeu-nativo.

Na sequência, iniciou-se a extração e a exploração da região recém-descoberta. Os lusos e os britânicos tiveram experiências completamente diferentes, até porque seus objetivos eram bastante divergentes.

Quando os primeiros alicerces já estavam sendo instalados no Novo Mundo, muitos colonos passaram a migrar para as terras do novo continente. Provavelmente, essa seja a principal época que deu início às extremas diferenças entre os dois países, Brasil e Estados Unidos.

Palavras chaves: Descobrimto. Grandes navegações. Religião. Exploração. Expansão. Portugal. Inglaterra.

ABSTRACT

DISCOVERING BRAZIL AND THE UNITED STATES

AUTHOR: Vitor Adriano Lemos Conceição

ADVISOR: Prof. Everton Araujo dos Santos

The discovery of Brazil is something that has always brought a lot of contradiction within Brazilian education. Compared with the discovery of the United States, a country considered a model in the world senator, we find that many points are extremely close, and the main differences come to emerge after the beginning of colonization.

The first point studied was the role of religion in the expansion to the New World, something that was of extreme importance to both. Many books address this theme, but do not address with the real relevance of the topic.

In the following, the colonizing thought is something that must be approached. The Lusitanians have many peculiarities, while the English in this respect do not have something very specific, and their part in the subject is diluted in the CBT as a whole.

In the imminence of the maritime expansion, the metropolis were in a state of high development. This factor was studied so that the comparison between the metropolises is clarified even before the discovery.

As soon as the Europeans landed on the shores of the Americas, Portuguese and English had very different initial impressions. The study conducted brought many insights into the first impressions of the European-native contacts.

Subsequently, extraction and exploration of the newly discovered region began. The British and the British have had completely different experiences, even because their goals were very different.

When the first foundations were being established in the New World, many settlers began to migrate to the lands of the new continent. This is probably the main time that started the extreme difference between the two countries, Brazil and the United States.

Key words: Discovery. Great navigations. Religion. Exploration. Expansion. Portugal. England.

RESUMEN

DESCUBRIENDO EL BRASIL Y LOS ESTADOS UNIDOS

AUTOR: Vitor Adriano Lemos Conceição

ORIENTADOR: Prof. Everton Araujo dos Santos

El descubrimiento de Brasil es algo que siempre ha traído mucha contradicción dentro de la enseñanza brasileña. Al comparar con el descubrimiento de Estados Unidos, país considerado modelo en el senador mundial, verificamos que muchos puntos son extremadamente próximos, siendo que las principales diferencias pasan a surgir después del principio de la colonización.

El primer punto estudiado fue el papel de la religión en la expansión hacia el Nuevo Mundo, algo que tuvo extrema importancia para ambos. Muchos libros abordan este tema, pero no abordan con la real relevancia del tema.

En consecuencia, el pensamiento colonizador es algo que debe abordarse. Los lusitanos tienen muchas peculiaridades, mientras que los ingleses, en ese aspecto, no tienen algo muy específico, siendo su parte, en el asunto, diluida en el TCC como un todo.

En la inminencia de la expansión marítima, las metrópolis se encontraban en un estado de alto desarrollo. Este factor fue estudiado para que la comparación entre las metrópolis sea aclarada antes incluso del descubrimiento.

Si los europeos desembarcaron en las costas de las Américas, portugués e Inglés tenían muy diferentes impresiones iniciales. El estudio realizado trajo muchas aclaraciones sobre las primeras impresiones de los contactos europeo-nativo.

En consecuencia, se inició la extracción y la explotación de la región recién descubierta. Los lusos y los británicos tuvieron experiencias completamente diferentes, incluso porque sus objetivos eran muy diferentes.

Cuando los primeros cimientos ya estaban siendo instalados en el Nuevo Mundo, muchos colonos pasaron a migrar a las tierras del nuevo continente. Probablemente, esa sea la principal época que inició la extrema diferencia entre los dos países, Brasil y Estados Unidos.

Palabras claves: Descubrimiento. Grandes navegaciones. La religión. Exploración. Expansión. Portugal. Inglaterra.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rota de Vasco da Gama.....	20
Figura 2 – Exploração do litoral brasileiro.....	25
Figura 3 – Newfoundland.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 COLONIZAÇÃO.....	12
2.2 CONFLITO.....	12
2.3 BUROCRACIA.....	12
2.4 COLONIALISMO.....	13
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	14
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	14
3.2 MÉTODOS.....	14
4 O PAPEL DA RELIGIÃO NA EXPANSÃO PARA O NOVO MUNDO.....	15
4.1 Brasil.....	15
4.2 Estados Unidos.....	16
4.3 Comparação.....	17
5 COMPREENDENDO O PENSAMENTO DO COLONIZADOR.....	18
5.1 Portugal.....	18
6 SITUAÇÃO DAS METRÓPOLES ANTES DO DESCOBRIMENTO.....	18
6.1 Brasil.....	18
6.2 Estados Unidos.....	20
6.3 Comparação.....	21
7 PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	22
7.1 Brasil.....	22
7.2 Estados Unidos.....	23
7.3 Comparação.....	24
8 EXTRAÇÃO E EXPLORAÇÃO.....	24
8.1 Brasil.....	24
8.2 Estados Unidos.....	26
8.3 Comparação.....	28
9 OCUPAÇÃO E PRINCÍPIO DA COLONIZAÇÃO.....	28
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O Brasil e os Estados Unidos da América são dois países que integram a comunidade internacional. Entretanto, o papel que cada um tem nesse cenário é completamente diferente. Muitos estudiosos buscaram e buscam compreender esse fato, percorrendo historicamente uma comparação clara, como é o caso de Viana Moog em *Bandeirantes e Pioneiros*. Nesse mesmo enredo, sociólogos e antropólogos desenvolveram ideias comparativas que incitaram a história, entretanto, inculcando-a o viés sociológico, como ocorre com Roberto da Matta, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Ao iniciarmos uma breve análise introdutória, a respeito do descobrimento dos Estados Unidos, Bancroft (1874) afirma que o descobrimento dos Estados Unidos veio a ocorrer em 1497, com o inglês John Cabot, com objetivo de encontrar uma possível rota para a Ásia, pelo norte. E em 24 de junho, chegou à costa de Labrador, onde pregou a bandeira Inglesa. A primeira colônia foi fundada em julho de 1587, em Roanoke Island, na Virgínia a mando da Rainha Elizabeth I, da Inglaterra.

Ao analisarmos o descobrimento do Brasil, Fausto (2014), em seu livro *História Concisa do Brasil*, afirma que Pedro Álvares Cabral avista a terra que um dia seria o Brasil em 24 de abril de 1500, sendo a primeira colônia, São Vicente, criada pela expedição de Martim Afonso, a mando da Coroa Portuguesa em 1532.

Com esse pequeno fato histórico, podemos observar uma certa proximidade entre o surgimento do Brasil e dos Estados Unidos, entretanto, é evidente que os países começaram a tomar rumos completamente diferentes, desta maneira, podemos gerar o seguinte problema: quais rumos foram tomados no descobrimento e na colonização que começaram a diferenciar esses dois países?

Com base nessa dúvida, essa pesquisa busca esclarecer ideias referentes ao desenrolar da história brasileira, comparando com outro país que surgiu no mesmo período, analisando a situação atual do nosso país e mostrando aos futuros oficiais do Exército Brasileiro a explicação da situação do Brasil.

A justificativa dessa pesquisa é justamente a clareza sobre o decorrer da história do Brasil, assim, o militar que estudá-la, poderá entender inúmeros comportamentos dos militares e dos civis que o rodeiam, compreendendo, assim, o estado atual das Forças Armadas, auxiliando, desta maneira, o oficial a liderar seus homens.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Comparar, historicamente, o surgimento do Brasil e dos Estados Unidos da América.

1.1.2 Objetivos específicos

Comparar o descobrimento e o início da colonização do Brasil e dos Estados Unidos.

Comparar o modelo de colonização que ocorreu no Brasil com o que ocorreu nos Estados Unidos e seus impactos na sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 COLONIZAÇÃO

De acordo com o que Bosi (1992) afirma em seu livro, *Dialética da Colonização*, a colonização é um processo inicial de dominação, sendo que nela está presente o trabalho e o cultivo. Sua diferença entre o simples trabalho e cultivo é que o colono, para se caracterizar colono, deve se deslocar do mundo que vive para um novo mundo e realizar essas atividades.

Ferro (1996) explica, em *História das Colonizações*, que a colônia é um prolongamento de sua metrópole, na qual o colono não trabalha pela colônia ou rouba da colônia, mas sim trabalha pela metrópole e enriquece essa metrópole, mostrando assim, a concepção de colonização da época das Grande Navegações.

2.2 CONFLITO

Bobbio (1998) explica a definição de conflito. Ele afirma que conflito é uma interação entre países, indivíduos, entre outros, a qual implica em embates focados nos recursos escassos. Um exemplo de conflito é o conflito internacional, ou seja, a guerra.

2.3 BUROCRACIA

De acordo com Bobbio (1998), burocracia é a criação de regras e padrões para o dinamismo de trabalhos administrativos, entretanto, passou a ser criticada por muitos, pois, na atualidade, se tornou sinônimo de lentidão.

O termo Burocracia foi empregado, pela primeira vez, na metade do século XVIII, (...), para designar o poder do corpo de funcionários e empregados da administração estatal, incumbido de funções especializadas sob a monarquia absoluta e dependente do soberano. Basta lembrar a polêmica fisiocrática contra a centralização administrativa e o absolutismo para entender que o termo surgiu com uma forte conotação negativa. Neste sentido é citado, no início do século XIX, (...) polemicamente por liberais e radicais para atacar o formalismo, (...). Este uso do termo é também aquele que mormente se institucionalizou na linguagem comum e chegou aos nossos dias para indicar criticamente a proliferação de normas e regulamentos, o ritualismo, a falta de iniciativa, o desperdício de recursos, em suma, a ineficiência das grandes organizações públicas e privadas.(BOBBIO, 1998, p. 124)

2.4 COLONIALISMO

Bobbio (1998) descreve a diferença entre colonialismo e colonização:

Colonialismo indica a doutrina e a prática institucional e política da colonização. Enquanto colonização é o processo de expansão e conquista de colônias, e a submissão, por meio da força ou da superioridade econômica, de territórios habitados por povos diferentes dos da potência colonial, Colonialismo define mais propriamente a organização de sistemas de domínio. (BOBBIO, 1998, p. 181)

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Será realizada uma pesquisa exploratória, que “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 1999, p.27). Levantamento bibliográfico marca presença nesse tipo de pesquisa.

3.2 MÉTODOS

Será empregado o método baseado na pesquisa bibliográfica. A metodologia se aplicará na comparação de fatos, um relacionado aos Estados Unidos e outro relacionado ao Brasil, finalizando com uma análise deles.

4 O PAPEL DA RELIGIÃO NA EXPANSÃO PARA O NOVO MUNDO

4.1 BRASIL

O catolicismo, desde antes da existência do Estado Português, exerceu grande influência no Península Ibérica.

Em 1095, o Papa Urbano II ordenou a criação das cruzadas, com o intuito de libertar Jerusalém, a Terra Santa, das posses do Islã. Após a conquista de Jerusalém, muitos peregrinos buscavam a paz espiritual e rumaram para a Cidade Santa. No entanto, forças militares muçulmanas passaram a deixar o caminho extremamente perigoso, assim, grupos militares começaram a surgir, com o intuito de proteger os fiéis. Desta maneira, na França, um grupo de nobres criou uma ordem chamada de Cavaleiros Templários. Essa ordem passou a ser reconhecida pelo Papa.

Após ser aceito como cavaleiro templário, o indivíduo deveria jurar castidade, sempre respeitar os líderes da Igreja e nunca recuar no campo de batalha. Esses cavaleiros estavam muito presentes no atual território português. Esse exército auxiliou, em dois pontos, no surgimento de Portugal, sendo eles: a expulsão dos mouros e a defesa das cruzadas. (A CRUZ, 2018)

Em uma incursão templária comandada por Afonso Henriques no território dominado pelos mouros, um pequeno exército foi encurralado pelos muçulmanos. Diante do conflito iminente e chances de vitórias mínimas, Afonso teve uma visão divina que previa sua vitória e o ordenava espalhar a palavra de Deus por todo o mundo. Após a batalha, foi vitorioso e aclamaram-lhe com 1º Rei de Portugal. (A CRUZ, 2018)

Quando o monarca francês, que se sentia ameaçado pela Ordem, solicitou a caça aos templários ao novo Papa, que estava a seu mando, Portugal foi o único país que se negou a fazer isso, desta maneira absorveu grande parte dos templários da época, homens de alto conhecimento, que acabaram fundando universidades a gerando desenvolvimento tecnológico ao país, favorecendo seu lançamento à exploração marítima. (A CRUZ, 2018)

Para citarmos alguns dos maiores cavaleiros das Ordem de Cristo, nome que simbolizava a Ordem Templária em Portugal, podemos falar do Infante D. Henrique, filho de D. João I, fundador da Escola de Sagres. Outro cavaleiro fora Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil.

Em entrevista ao Brasil Paralelo, no documentário *A Cruz e a Espada* (2018), Rafael Nogueira, historiador e pesquisador de História do Império do Brasil há quase dez anos, afirma o seguinte:

Como que de repente um povo que lutou 8 séculos com o inimigo islâmico vai, do nada, se transformar no mercador? “Só quero realizar comércio.” Isso não faz o menor sentido! Essa história contada de que o português sai só para encontrar mercadoria ou ter melhor acesso às rotas comerciais. Isso não se justifica de modo algum. É um desconhecimento completo de quem que era Portugal, do que era o mundo medieval. E o mundo medieval era um mundo de grandes guerreiros.

Em outra entrevista, mas para o mesmo documentário, o Príncipe Luiz Philippe de Orléans e Bragança, cientista político, afirma que:

Você não se lança num pequeno barco para encontrar um pau-brasil vermelho, não é isso. É para encontrar a terra prometida! É para encontrar a terra abençoada! Isso é um fator motivador dos grandes descobrimentos, até mesmo hoje, do espaço. (...) Se vai para o espaço para descobrir vida, é isso que motiva, não são coisas pequenas. Entender isso. É querer encontrar a terra prometida, esse era o fator motivador.

Com esses relatos, pode-se observar que o pensamento religioso foi o principal combustível para as expedições marítimas portuguesas. Eles buscavam a terra prometida, porque a Europa se encontrava em um grande caos. Inclusive, se acreditava na existência de um local chamado Hy Brasil, que significava Terra Prometida.

4.2 ESTADOS UNIDOS

A Inglaterra foi um dos países atingidos pela Reforma Protestante. No entanto, ela não foi omissa e, muito menos, pacífica. Segundo Chadwick e Evans (2007), o processo reformista inglês, provavelmente, tenha sido o mais confuso e complexo do Velho Continente. Durante o período reformista, a Inglaterra ainda era um grande bastião da Igreja Católica. Nesse período, Henrique VIII era o Rei. Após publicar a obra *Defesa dos sete sacramentos*, contra Lutero em 1521, lhe foi concedido, pelo Papa, o título de “Defensor da Fé”, desta maneira, Henrique era conhecido como um católico fervoroso. Por esse e outros motivos, mesmo que alguns livros luteranos estivessem em circulação na ilha e alguns professores de Cambridge se interessassem pelas ideias protestantes, o protestantismo não ganhou espaço na Inglaterra até o rei querer se divorciar da esposa. Nesse período, o papa encontrava-se aprisionado pelas tropas de Carlos V, sobrinho de Catarina, esposa de Henrique, assim, o pedido de divórcio não foi aceito. Desta maneira, o rei inglês se afasta da Igreja e se declara supremo chefe da Igreja da Inglaterra. Muitos que resistiram a esse fato foram executados.

Inicialmente, as mudanças nas doutrinas ou na liturgia da nova Igreja foram imperceptíveis. Assim, Henrique perseguia tanto os católicos quanto os protestantes. Entretanto, quando passou a ser assessorado por Thomas Cromwell, secretário do conselho, e Thomas Cranmer, arcebispo de Canterbury, a reforma passou a tomar um rumo no território inglês. Após a morte de Henrique, Eduardo VI assumiu o trono, deixando o caminho livre para a reforma. A missa se tornava uma prática proibida ao mesmo passo que Cranmer criava uma liturgia para a Igreja Inglesa. (CHADWICK; EVANS, 2007)

Quando a rainha Mary, filha de Catarina de Aragão, subiu ao trono, todo o desenvolvimento protestante parou, pois ela era católica. Além disso, com o casamento da rainha com Filipe da Espanha, a Inglaterra voltou a compor o bloco católico europeu. Nesse momento, muitos foram queimados, e Cranmer foi um deles. (CHADWICK; EVANS, 2007)

O processo se inverteu quando a irmã protestante de Mary, Elizabeth, assumiu o trono. Em seu governo, poucas mudanças ocorreram no modelo religioso da Igreja Inglesa, na qual parte das doutrinas eram baseadas no calvinismo enquanto o episcopado e a disciplina medieval eram mantidos, sendo assim, um sistema basicamente ambivalente. (CHADWICK; EVANS, 2007)

Desta maneira, a Inglaterra se tornou a maior potência protestante europeia. Assim, tornou-se papel del a, evitar que o Novo Mundo se tornasse um continente dominado pelas potências católicas, como Portugal, Espanha e França. No entanto, a Inglaterra, inicialmente, não percebeu o poder religioso que possuía, assim, tardou seu lançamento no Continente Americano. (CHADWICK; EVANS, 2007)

4.3 COMPARAÇÃO

Ao compararmos o papel da Igreja em ambos os colonizadores, é fácil observar que a Fé foi o principal combustível para a travessia oceânica que culminou na expansão marítima e no descobrimento da América. No entanto, já podemos ressaltar algumas diferenças entre os dois países, sendo a principal diferença a Palavra pregada. Os Portugueses pregavam a Palavra católica enquanto os Ingleses, a protestante.

5 COMPREENDENDO O PENSAMENTO DO COLONIZADOR

5.1 PORTUGAL

O ano que representa o início da expansão árabe na Península Ibérica foi 711. Sua permanência durou, aproximadamente, 700 anos, tempo suficiente, não só para alterar a economia da região, como também para alterá-la culturalmente e sociologicamente. (VICENTINO; DORIGO, 1997)

No início, os íberos, conforme o documentário da produtora independente Brasil Paralelo, A Cruz e a Espada (2018), possuíam uma limitação que lhes custou sua península. Essa limitação era em relação ao pensamento coletivo. Enquanto os árabes pensavam coletivamente, acreditavam que suas vitórias tornariam o mundo islâmico grande, os íberos acreditavam que suas vitórias os tornariam heróis. Com séculos de domínio muçulmano, os protolusos-hispânicos passaram a interiorizar valores árabes. Um desses valores foi a conquista coletiva, tão importante para a futura unidade portuguesa. (A CRUZ, 2018)

“Em longo prazo, a mais produtiva área de interação entre cristãos e muçulmanos durante a época das Cruzadas estava na vida intelectual” (FLETCHER, 2003). O papel dos estudiosos árabes foi extremamente positivo para o desenvolvimento intelectual, tanto no mundo cristão quanto no muçulmano. Os árabes realizaram extremas aquisições e pesquisas sobre os maiores conhecedores gregos. Realizaram a tradução para o árabe, para futuros estudos, e posteriormente, traduziram, na região da Península Ibérica, para o latim. Desta maneira, o acesso a textos de estudiosos como Aristóteles, Euclides e outros se tornou possível. Alguns dos principais métodos e instrumentos de navegação, como tabelas e livros de referências astronômicas e um trabalho escrito sobre o uso do astrolábio. Futuramente, essas traduções auxiliariam a Portugal na sua expansão ultramarina.

6 SITUAÇÃO DAS METRÓPOLES ANTES DO DESCOBRIMENTO

6.1 BRASIL

Enquanto o restante da Europa lutava em guerras entre si ou contra a invasão moura, Portugal estava se preocupando em crescer. O feudalismo existia apenas como lembrança e as epidemias estavam erradicadas na região. Isso simbolizava um futuro próspero para esse pequeno país da Península Ibérica.

A Dinastia Avis desempenhou um papel crucial por esse futuro. Sua ligação com o dinamismo mercantil lusitano, com reduzidas limitações da nobreza, possibilitou a criação de um Estado Forte e absolutista.

A grande capacidade da coroa de realizar uma centralização política, juntamente com a localização geográfica extremamente favorável, fazendo com que os lusos largassem na frente de qualquer outro país do velho mundo.(VICENTINO; DORIGO, 1997)

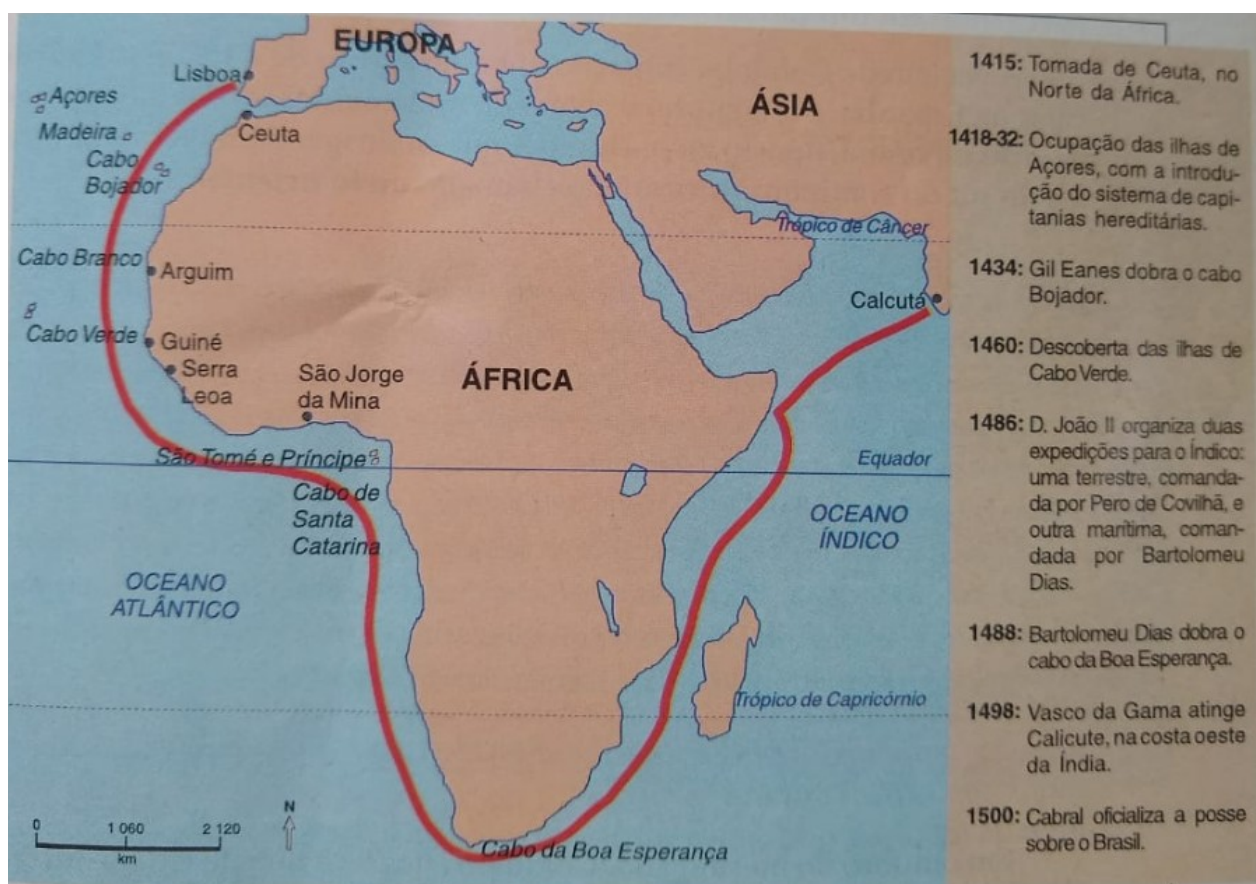
Assim, visando ampliar a participação portuguesa no comércio europeu, D. João I (1383-1433) inicia a expansão ultramarina com a tomada de Ceuta em 1415. Essa cidade era um valioso entreposto comercial árabe, localizado no Norte da África. Essa conquista possibilitou a Portugal o acesso, antes tão escasso, a cereais produzidos no território marroquino. O acesso à rota do ouro Africano, ao trigo e a especiarias asiáticas também se tornou possível com essa conquista. (VICENTINO; DORIGO, 1997)

O filho de D. João I, o infante D. Henrique, o Navegador (1394-1460), após a morte do pai, organizou o desenvolvimento de instrumentos que possibilitassem a orientação em alto-mar. Para isso, ele iniciou a reunião de diversos sábios de inúmeras áreas do conhecimento, até fundar, filosoficamente, a Escola de Sagres. D. Henrique, era extremamente apoiado pela Igreja e buscava, com suas conquistas, trazer almas para o catolicismo, no entanto, ao visualizar o Atlas Catalão, de Abraão Cresques, pai de seu principal assessor, Jehuda Cresques, ele ficou maravilhado com o chamado “rio do ouro”, localizado abaixo das Canárias. Esse fato fez com que ele perdesse parte de seu foco religioso. Assim, mesmo com dificuldade, dominou as Canárias, assim como as ilhas de Porto Santo, Madeira e dos Açores. Essas ilhas foram extremamente devastadas para a plantação de cana-de-açúcar. Quando Portugal desistiu de colonizar esse arquipélago, dividiu-as em capitâncias hereditárias, estratégia posteriormente utilizada no Brasil, tornado-as ponto de passagem de expedições que iam tanto para a África quanto para a América. (BUENO, 2016)

Desta maneira, D. Henrique se tornou o patrono da colonização europeia no além-mar. (BUENO, 2016). Além disso, se tornou padroeiro das expedições escravocratas europeias e padrinho das explorações ultramarinas. (BUENO, 2016)

O próximo passo lusitano foi a conquista do litoral africano, conforme a **figura 1**, no qual, as feitorias, pontos de comércio com proteção fortificada, tiveram um importante papel.

Figura 1: Rota de Vasco da Gama



Fonte: VICENTINO; DORIGO (1997)

Após a conquista do litoral africano, a coroa portuguesa aspirava ao poder no subcontinente indiano, destruindo o monopólio comercial italiano nas praças comerciais europeias. A conquista do subcontinente não tardou e possibilitou à Portugal um imenso montante de riqueza e poder no mundo.

6.2 ESTADOS UNIDOS

No final do século XV e no início do século XVI, a Inglaterra estava sob o comando de Henrique VIII. Além do seu objetivo pessoal de ter um herdeiro que continuasse a

linhagem da família Tudor, ele colocou como meta transformar a Grã-Bretanha em um gigantesco império.

A primeira providência do Rei foi construir uma das maiores frotas navais que o mundo já vira. Esses navios seriam capazes de combater qualquer embarcação francesa ou espanhola, na época, as maiores potências do velho continente.(CONSTRUINDO, 2006)

Assim, em 1510, ele ordenou o corte de inúmeras árvores do território inglês para suprir a produção de seus estaleiros. Ele buscava dominar o mar transformando os navios em armas mortíferas, então, foi o primeiro a equipar os navios com armamento pesado. (CONSTRUINDO, 2006)

Um dos maiores exemplos do poder de sua frota foi o navio chamado Mery Rose. Nele foram colocados os canhões mais pesados que apontavam para todos os lados possíveis. Nesse navio, também, se experimentou uma nova invenção, as portinholas, pequenas janelas nas laterais do navio que abriam e fechavam, possibilitando o uso intensivo da artilharia nos diversos andares da embarcação. Isso mudou completamente o design marítimo da época. (CONSTRUINDO, 2006)

Outra invenção que surgiu foi o canhão de ferro fundido, três vezes mais baratos que os antigos canhões de bronze que eram comumente utilizados.

Desta maneira, a Inglaterra pôde se expandir até se tornar o famoso Império no qual o Sol nunca se punha.

6.3 COMPARAÇÃO

As duas potências estavam alcançando seu auge enquanto buscavam novos locais para aplicarem o colonialismo, no entanto, Portugal possuía um certo bônus, por mérito próprio, ao sair na frente. Desta maneira, não possuía concorrentes na exploração marítima das Américas. Seu poder econômico crescia, contudo, grande parte do dinheiro obtido como comércio ia para fora das fronteiras portuguesas. Isso só era possível, pois a nobreza utilizava seu dinheiro para adquirir produtos de luxo comercializados em feiras estrangeiras como a de Flandres, assim, não existia um incentivo à produção interna. Logo, todo o poder econômico português poderia sumir caso a rota com o oriente sumisse, algo que não demorou muito para ocorrer.

Já no lado Inglês, D. Henrique VIII perdia parte de seu precioso tempo buscando uma esposa que lhe desse um herdeiro. Ele fazia isso pois temia que, caso uma de suas filhas o substituísse, casasse com um rei europeu que fizesse a Inglaterra se submeter a outro país. Por isso, acabou devolvendo sua primeira esposa, Catarina de Aragão. Ela era filha do Rei da

Espanha, Fernando. Isso acabou denegrindo a imagem britânica para com a Espanha, então potência na época. Além disso, para se divorciar dela, ao não receber autorização do Papa, quebrou laços com Roma e fundou sua própria igreja, a Anglicana, o que piorou as relações com os espanhóis. Com os Franceses, a Inglaterra foi, historicamente, inimiga da França, algo que não poderia ser diferente do período da expansão marítima. (JONES)

Assim, é de fácil observação que Portugal estava em certa vantagem em relação à Inglaterra, ao compararmos a concorrência e a inimizade por parte dos outros países europeus.

7 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

7.1 BRASIL

Tão interessante quanto viajar para outro continente nos dias de hoje, nos quais a tecnologia possibilita uma rápida viagem e uma conexão prévia com os habitantes e os costumes locais. Ainda mais interessante foi para os tripulantes da 1ª Expedição Portuguesa ao Brasil, que ficou ao comando de Pedro Álvares Cabral. Cabral, chega pela primeira vez em outro continente, mesmo pensando que fosse uma ilha ele tem o primeiro encontro com o que chamamos de Brasil.

Pero Vaz de Caminha afirma que, uma das primeiras sensações dos presentes nas embarcações foi de alívio, pois a viagem de 45 dias, finalmente, apresentara um destino.

Após alguns dias, a tripulação se pôs a procurar um local que possibilitasse a ancoragem das 13 embarcações da frota, e nesse meio tempo, encontraram dois nativos pescando. Após capturá-los, Cabral iniciaria a primeira interação entre o português e o nativo americano.

Nesse primeiro contato, o comandante-mor se encontrava sentado ao centro, bem vestido e com um grande colar de ouro no pescoço. Fizera dessa maneira pois era o cerimonial previsto para encontros entre lusos e soberanos do Congo ou mercadores árabes da costa oriental da África, esse fato demonstra a experiência portuguesa nas tratativas com nativos africanos. Ao redor de Cabral, Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia e Pero Vaz de Caminha. (BUENO, 2016)

Mesmo com toda essa cerimônia, nada pôde impressionar os jovens nativos. “Não fizeram nenhum sinal de cortesia, nem de falar com o capitão, ou com quem quer que fosse” (CORTESÃO, 2003)

Esse encontro ficou memorizado para a eternidade nas mãos de Pero Vaz, não apenas com os fatos observáveis, mas com a exatidão antropológica. “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bom rosto e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes quanto em mostrar o rosto.” (CORTESÃO, 2003)

Dando prosseguimento, no dia seguinte, após a ancoragem de todas as embarcações, Cabral foi com seus capitães à terra firme, onde recebeu ajuda dos nativos para recompletar os tonéis de água do navio. Nesse momento, Caminha pôde observar as primeiras mulheres indígenas. Constata, também, que os homens não eram circuncidados, informação importante, significava que os muçulmanos não tiveram nenhum contato com os nativos da região. (BUENO, 2016)

Muitos dos tripulantes presentearam os nativos com adereços simples, que no futuro geraria uma certa dependência para os índios.

7.2 ESTADOS UNIDOS

Diferentemente da parte sul do Continente Americano, Quando os ingleses começaram suas expedições, muitas tribos nativas já haviam travado contato com espanhóis e franceses. Esse fato deixava os ingleses em certa desvantagem, pois esses mesmos nativos já haviam desenvolvido o medo do homem europeu. Esse medo gerava hostilidades, por parte do índios, diante certas expedições inglesas.

No entanto, algumas tribos indígenas ainda não tinham aprendido a temer os europeus, algo que, nos séculos seguintes, lhes custou a aniquilação.

Como a França e a Espanha estavam mais presentes na América do Norte do que a Inglaterra, a maioria dos relatos sobre os habitantes locais foi feita durante expedições desses países.

No ano de 1524, na viagem de Verrazzi, a mando da coroa francesa, explica como eram os índios encontrados na Carolina do Norte:

The russet color of the mild and feeble natives was like the complexion of the Saracens; their dress was of skins; their ornaments, garlands of feathers. They welcomed with hospitality the strangers, whom they had not yet learned to fear. The savages were more humane than their guests. A young sailor, who had nearly been drowned, was revived by the natives; his companions robbed a mother of her child, and attempted to kidnap a young woman. (BANCROFT, 1874, p.17)

Verrazzi acabou tendo outras experiências com indígenas de diversas áreas. Em Newport, local onde o navegante permaneceu por quinze dias, os nativos eram extremamente receptivos e amistosos, ele ainda relata que eram ignorantes demais para usarem ferramentas de aço ou ferro (BANCROFT, 1874)

Nos textos de Verrazzi, quando navegava para o norte, sentia a diferença entre o comportamento dos indígenas. Quando saiu de New England, rumo a Nova Scotia, encontrou nativos extremamente hostis e invejosos. Estavam inseridos em rotas de tráfico, haviam aprendido a utilizar ferro como ferramenta, e, além disso, quando efetuavam trocas, demandavam facas e outras armas de aço.

Muitos outros povos nativos da região estavam envolvidos com tráfico e, por esse motivo, haviam formado fortes alianças com os franceses e espanhóis.

7.3 COMPARAÇÃO

Observando as duas situações, podemos verificar que os portugueses possuíam certa vantagem, pois os nativos não tinham nenhum contato anterior com qualquer outro país europeu. Esse fato fez com que os lusos pudessem iniciar alianças baseadas em trocas de objetos simples. Mesmo as tribos hostis não seriam problema, pois elas ainda estavam em um estágio extremamente primitivo.

Por outro lado, na parte norte do continente, os ingleses encontravam nativos absurdamente envolvidos com outros povos europeus. Isso impedia qualquer aliança inicial, contato amigável ou qualquer outra estratégia positiva. Mesmo assim, algumas tribos ainda permaneciam neutras, facilitando, um pouco, o progresso britânico na região.

8 EXTRAÇÃO E EXPLORAÇÃO

8.1 BRASIL

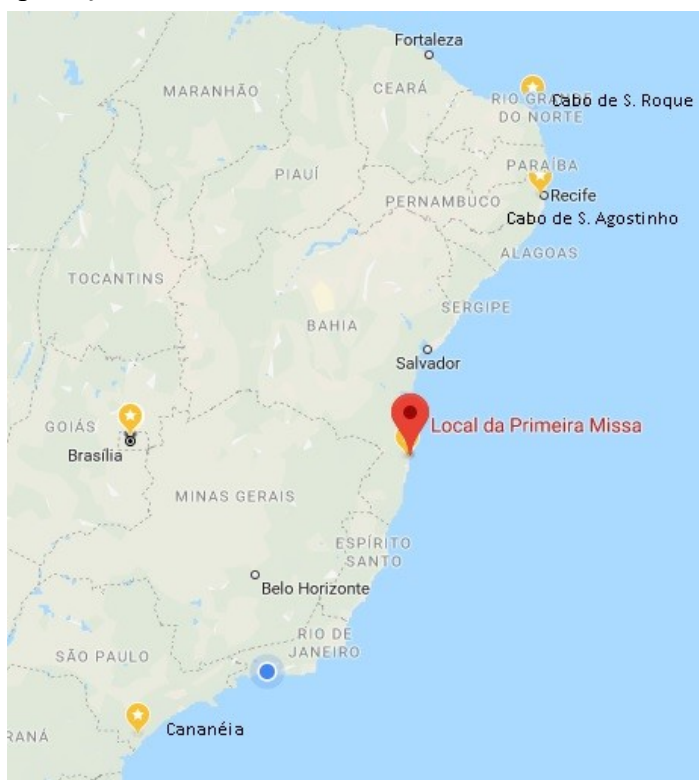
Portugal, rapidamente, tomou posse da nova terra descoberta. Menos de uma década foi tempo suficiente para que explorassem a imensa extensão litorânea brasileira. (ABREU, 2001)

Ao norte, a primeira expedição relatada foi a exploratória comandada por João Coelho, mas, infelizmente, ela é quase que desconhecida. Outros relatos abordam das viagens

que rumaram ao norte do cabo de Santo Agostinho, uma delas foi a de Afonso Ribeiro, que acabou morto por nativos, nada se foi escrito sobre suas descobertas. (ABREU, 2001)

Pelo outro lado, o lado sul do cabo de S. Agostinho, as descobertas estão mais conhecidas. Surgiu, em 1501, a primeira expedição exploratória ao sul. Ao comando de André Gonçalves e pilotada por florentino Vespúcio, célebre cosmógrafo, foi até, de acordo com a maioria dos estudiosos até o cabo de S. Roque. Esse ponto, tornou-se o ponto inicial para explorações que rumavam para o extremo sul, cujo limite era a Cananéia. (ABREU, 2001)

Figura 2: Exploração do litoral brasileiro



Fonte: MAPS (2019)

Em 1503, Portugal, com o objetivo de procurar, pelo sul do Brasil, locais de inúmeras riquezas, envia uma segunda armada, ainda mais poderosa que a de Cabral, comandada por Gonçalo Coelho e tendo Américo Vespúcio como comandante de um dos navios. Essa armada passou por problemas grandes de relação entre seus líderes. O naufrágio da capitânia atrasou ainda mais os planos para essa incursão, no entanto, acabou por ser responsável pela fundação da primeira feitoria em solo brasileiro, esta localizada em Cabo Frio, de acordo com documentos encontrados por Varnhagen, o qual os relatou na página 10 de seu livro *Nouvelles recherches*. (ABREU, 2001)

Paralelo à explorações, o pau-brasil se tornava a principal fonte de extração local. Essa extração foi arrendada a diversos comerciantes da capital portuguesa. O compromisso que

eles deveriam honrar ao receber a terra era de explorar até três centenas de léguas continente a dentro, construindo fortificações e mantendo-as por, no mínimo, três anos. Desta maneira feitorias surgiram no litoral brasileiro em pontos como o Rio de Janeiro, Cabo Frio, Porto Seguro, Pernambuco e ilha de Santo Aleixo. Nesse momento, marca-se o início do povoamento no Brasil. (PRIORE, 2016)

Nesse período o escambo se tornou a relação base local. Erroneamente, acredita-se que os índios se vendiam por produtos manufaturas simples e trocavam por um produto altamente caro, no entanto, essa é a visão portuguesa apresentada nos livros de história, mas, se pensarmos com a visão indígena, os portugueses estavam levando árvores, um monte de madeira que existia em abundância aqui, e trazendo produtos que nunca passaram pela imaginação dos habitantes nativos, assim, ambos estavam lucrando com as negociações. Bueno (2016), em seu segundo livro da coleção Brasilis, relata que assim que a novidade das bugigangas acabou, os índios passaram a exigir ferramentas de metais, isso os proporcionou uma revolução instantânea de Idade da Pedra à Idade do Ferro. A cobiça portuguesa pelo pau-brasil alimentou a cobiça indígena por produtos manufaturados, isso fez com que a população da árvore diminuísse exponencialmente, tornando-a, nos anos seguintes, virtualmente extinta.

8.2 ESTADOS UNIDOS

Até então, Lisboa tinha se tornado o *Emporium* europeu graças à grande viagem de Vasco da Gama. Esse herói português possibilitou, a Portugal, criar uma rota que fosse até o Oriente passando pelo Cabo da Boa Esperança. Dessa maneira, os Ingleses observaram a lucratividade da rota e passaram a olhar fixamente para um local que possibilitaria uma rota que demorasse metade do tempo, no caso, a famosa rota ao norte da América do Norte.

Em março de 1501, Henrique VII criou uma garantia comercial exclusiva a uma companhia formada, metade por ingleses, metade por portugueses. Essa companhia tinha o direito de navegar por qualquer ponto do compasso inglês, assim como habitar qualquer área que fosse encontrada. Todavia, não há relatos de qualquer navegação por parte dela. (BANCROFT, 1874)

Tendo em vista a falha anterior, o Rei Inglês buscou uma parceria parecida, mas que agora aumentasse a porcentagem de lucro à parte lusa. Mesmo assim, nada mudou. Nesse momento, tudo o que ligava a Inglaterra com o Novo Mundo era Newfoundland (posto avançado), figura 3, e as *fisheries*. (BANCROFT, 1874)

“*the discovery of Russia*”. Nesse momento a Rússia passava a entrar no cenário político estratégico mundial. Ela afetou o mundo completamente, pois era o único império que, além dos impérios europeus, possuía homens brancos dentro de seus limites. O teatro colonial mudou tanto com a descoberta dos Soviéticos que a ideia, antes impensável, de fundar colônias na América do Norte, caía por terra quando, em apenas 11 anos, já estava sendo fundada a primeira colônia inglesa no Novo Mundo.

8.3 COMPARAÇÃO

Existe uma grande diferença entre a exploração e a extração que ocorreu em cada um dos países. No lado Português, observa-se uma extrema utilização da mão de obra indígena, com o objetivo de extrair a maior quantidade de pau-brasil possível. Ainda assim, muitas expedições foram formadas para mapear a costa no Novo Continente. Algo que não ocorreu com os *Englishmen*, que estavam muito preocupados com a descoberta da rota para as Índias, que, na ocasião, Portugal já tinha a sua. A extração inicial que ocorreu na América do Norte foi a pesqueira com as *fisheries*.

9 OCUPAÇÃO E PRINCÍPIO DA COLONIZAÇÃO

Para esta comparação final, o texto de Vianna Moog (1906), *Bandeirantes e Pioneiros* se torna uma excelente base.

O primeiro fato, antes de qualquer comparação histórica, é a comparação documental. Sobre a fase de ocupação dos Estados Unidos, observam-se muitos textos da época que descreviam com realidade as dificuldades e as descobertas, enquanto que, na mesma fase, para o Brasil, quase não se vê textos descritivos, isso demonstra que o nível de alfabetização e instrução dos primeiros colonos do norte eram mais instruídos que os nossos. (MOOG, 1906)

Pode-se ligar essa característica pelo fato de que os colonos ingleses eram, em sua maioria, calvinistas. E, diferentemente do catolicismo, religião que reinou no Brasil, cada um deveria saber ler, no mínimo as Leis de Deus e saber interpretá-las, enquanto que, no Catolicismo, a Bíblia era lida e interpretada, somente, pelo clero. (MOOG, 1906)

Outro ponto importante é observar que, no caso dos Estados Unidos, a maioria das famílias que foram para o Novo Mundo estavam fugindo de perseguições na Europa, então haviam virado as costas para o Velho Continente. Seus objetivos eram colonizar a nova terra para que as outras gerações pudessem usufruir disso. Por outro lado, podemos observar um

outro foco no lado Português, o de conquistar. Os portugueses estavam aqui a mando do El-Rei de Portugal, então, tudo que ocorreria aqui, era para beneficiar um país europeu, desta maneira muitos colonos vieram para produzir riquezas que seriam transferidas para Portugal.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças entre o Brasil e os Estados Unidos passaram a ser perceptíveis a partir da ocupação do território. No entanto, algumas comparações, em situações pontuais, foram semelhantes. Entretanto, a dessemelhança entre cada período pré-colonial mostrou que Portugal sempre possuiu uma vantagem muito grande em comparação com o colonizador inglês.

Com a sua unificação, após a expulsão dos mouros, Portugal se tornou um dos primeiros países a buscar a expansão marítima. A participação da Igreja foi de extrema importância pois trouxe força cognitiva aos estudiosos portugueses.

Além disso, as metrópoles se encontravam em situações diferentes. Enquanto Portugal se preocupava somente com a expansão marítima, a Inglaterra ainda tinha que olhar para seus dois inimigos, a França e a Espanha. Isso atrapalhava muito sua exploração na América.

As primeiras impressões no contato com os nativos mostraram que a América do Sul ainda era intocada quando os lusitanos chegaram, enquanto que a América do Norte já estava muito bem explorada por outros países europeus.

A extração e a exploração trouxeram muitas oportunidades para Portugal, que já possuía sua rota para as índias, desta maneira, a exploração local se tornou o principal objetivo, contudo, para os ingleses, a busca por uma rota que chegasse até as índias ainda era muito importante, travando, um pouco, a exploração local.

Finalmente, a ocupação territorial e o início da colonização passaram a trazer um significativo contraste entre os dois países. Principalmente pelos dois países possuírem religiões diferentes. De um lado havia o português católico que não sabia ler nem escrever, de outro havia o inglês calvinista que, ao menos, sabia ler as leis de Deus e escrever estruturas básicas. Também, a forte ligação dos colonos portugueses com Portugal fazia com que as riquezas, aqui, produzidas, fossem transferidas para a terra da Coroa, enquanto essa ligação, para os ingleses, não havia mais, por estarem fugindo de seu monarca.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano. **O descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed; São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A CRUZ e a Espada. Produção: Brasil Paralelo. São Paulo: 2018. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY>>. Acesso em: 05 mai. 2019.

A ÉPOCA da cavalaria. Barcelona: Editora Time Life. Coleção Grandes civilizações do passado.

BANCROFT, George. **History of the United States**: from the discovery of the American continent. Vol 1. 25. ed. Boston: Little, Brown, and Company, 1874.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário da política**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia de Letras, 1992

BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento**: Um olhar sobre a expedição de Cabral. Rio de Janeiro. Editora Estação Brasil, 2016. (Brasilis; 1)

BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados**: As primeiras expedições ao Brasil. Rio de Janeiro. Editora Estação Brasil, 2016. (Brasilis; 2)

CHADWICK, H.; EVANS, G.R.. **Igreja Cristã**. Barcelona: Editora Time Life, 2007. Coleção Grandes civilizações do passado.

CONSTRUINDO um Império. Produção do History Channel. Estados Unidos: Log On Editora Multimídia, 2006. 6 DVD. Grã-Bretanha.

CORTESÃO, J. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**. Texto integral. São Paulo: Martim Claret, 2003.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2.ed., 5. reimpr. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências. Século XIII à XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FLETCHER, Richard. **A cruz e o crescente**: a convivência entre muçulmanos e cristãos das Cruzadas à Reforma Protestante. Reino Unido: Penguin Books Ltd, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

JONES, Norman. **Inglaterra**: a vida no reino de Elizabeth. Barcelona: Editora Time Life. Coleção Grandes civilizações do passado.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros**: Paralelo entre duas culturas. 4 ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1906.

PRIORE, Mary Del, **Histórias da gente brasileira**: Colônia. Vol 1. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.